

DATALUTA



BOLETIM DATALUTA

Uma publicação do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA.
Presidente Prudente, junho de 2021, número 162. ISSN 2177-4463.

www.fct.unesp.br/nera

ARTIGO DATALUTA

AS SEMENTES CRIOLAS E AS FEIRA DAS SEMENTES COMO ESTRATÉGIAS DE RESISTENCIA E AUTONOMIA CAMPONESA

ARTIGO DO MÊS

O PROJETO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA EMEIEF “ASSENTAMENTO ZUMBI DOS PALMARES”, MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS – ES - 2010 A 2019: CONTRIBUIÇÃO PARA O PROCESSO DE RESISTÊNCIA E FORTALECIMENTO DO TERRITÓRIO CAMPONÊS

Acesse aqui: <https://www.fct.unesp.br/#!/pesquisa/dataluta/periodicos-dataluta/boletim-dataluta/>

EVENTOS

XIV ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA ENANPEGE – 2021

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)/João Pessoa – João Pessoa, outubro de 2021 (10 a 15 de outubro)

XX Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos – ENG 2021

USP/São Paulo – São Paulo, julho de 2021 (data a definir).

PUBLICAÇÕES, VÍDEOS E POD TERRITORIAL



Terra e trabalho: usos e abusos do espaço agrário brasileiro – Volume 1.

Org.: Rosa Ester Rossini; Maria Rita Ivo de Melo Machado; Mateus de Almeida Prado

Sampaio.

Este livro, primeiro volume de uma coleção sobre a reforma agrária no mundo, apresenta o debate em torno das diferentes experiências de reforma agrária nos diferentes países.

Webinar Rede DATALUTA

WEBINAR REDE DATALUTA

FPD DATALUTA

Realização: Rede DATALUTA.

Canal de webinars da Rede DATALUTA, a rede de grupos de pesquisas em Geografia Agrária mais ampla do Brasil. Confirmam os vídeos que já estão disponíveis, resultados de seminários virtuais com os mais variados temas!

Para ver:

https://www.youtube.com/c/REDEDATA_LUTA/videos

PodCast Unesp – Pod Territorial.



Autores: Vários

O Podcast Unesp, em parceria com a Cátedra Unesco

Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial, publica semanalmente noticiário sobre Reforma Agrária, povos de diferentes etnias, questões geográficas e outros assuntos que colaboram significativamente no desenvolvimento social.

Para

<http://podcast.unesp.br>

ouvir/baixar:

EQUIPE:

Revisão, Edição e Coordenação: Aline Albuquerque Jorge, Angela dos Santos Machado, Danilo Valentin Pereira, Eduardo P. Girardi, Lara Dalperio Buscioli, Lucas de Brito Wanderley e Wilians Ventura Ferreira Souza.

Leia outros números do **BOLETIM DATALUTA**

em <https://www.fct.unesp.br/#!/pesquisa/dataluta/periodicos-dataluta/boletim-dataluta/>

AS SEMENTES CRIOULAS E AS FEIRA DAS SEMENTES COMO ESTRATÉGIAS DE RESISTENCIA E AUTONOMIA CAMPONESA

Miecleslau Kudavicz

Agente da Comissão Pastoral da Terra/MS e Mestre em Geografia pelo Programa Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas

kudlavicz@gmail.com

“O problema da fome é um problema político” (Josué de Castro).

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas nas participações nas Feiras de Sementes Nativas e Crioulas de Juti/MS e na organização das feiras de sementes crioulas, enquanto integrante do projeto intitulado “Núcleo de Estudos em Agroecologia do Bolsão (NEA-BOLSÃO)”¹. O projeto foi implementado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - campus de Três Lagoas, sob coordenação da professora Rosemeire Aparecida de Almeida, tendo vigência entres os anos 2018 a 2020.

O NEA/Bolsão foi criado com o propósito de apoiar a transição agroecológica no PA 20 de Março e dentre outros objetivos, estimular o resgate de sementes crioulas. Como estratégia para atingir este último objetivo realizaram-se três feiras de sementes crioulas, inseridas dentro dos Encontros de Mulheres Camponesas do Bolsão/MS, visando a troca de sementes e capacitação dos participantes no intuito de sensibilizá-los para a necessidade do resgate de sementes nativas e a interação dos camponeses do Bolsão.

A realização das feiras de sementes crioulas se torna essencial num contexto de modernização da base técnica da agricultura, com o predomínio da monocultura de transgênicos e uso de agrotóxicos. Resgatar os saberes populares dos camponeses e camponesas, construídos dialogicamente nas experiências familiares, seus modos de vida, de ligação com a terra e transmitidos por gerações se torna fundamental como estratégia de reprodução camponesa e de garantia da sua autonomia.

AS SEMENTES CRIOULAS

A modernização da agricultura brasileira privilegiou a monocultura voltada para a exportação e destruiu a base de sustentação dos camponeses, a produção de autoconsumo. Este modelo agrícola estimulou o uso intensivo de agrotóxicos e da adubação química com consequências nefastas para a natureza e com um alto grau de envenenamento de produtos alimentícios (SILVA, 1982; KUDLAVICZ, 2011).

No Brasil, este processo de modernização se acentuou a partir da segunda metade do século XX, especificamente início dos anos 70, iniciou-se o processo acentuado na agricultura brasileira, também chamada de “Revolução Verde” (

¹ Projeto aprovado na CHAMADA MCTIC/MAPA/MEC/SEAD – CASA CIVIL/CNPq Nº 21/2016.

SILVA, 1982; KUDLAVICZ, 2011). Os governos e a burguesia, por meio do rádio, da TV, das empresas de assistência técnica, das cooperativas controladas pelos grandes, das escolas, propagaram a ideia de que era necessário aumentar a eficiência produtiva para abastecer o mercado e acabar com a fome no mundo. E, para produzir para o mercado somente seria viável se os camponeses se adequassem ao pacote tecnológico vinculado às sementes selecionadas e indicadas pelas empresas, o uso, também, de adubo químico e de maquinários. Como muitos não queriam ser vistos como atrasados e nem passar vergonha nas palestras dos técnicos, os camponeses acabaram aceitando a ideia. O autor deste artigo vivenciou este processo que ocorreu no seio de sua família de agricultores familiares, no Paraná, ainda no seu tempo de jovem. Representantes das empresas de adubos e de agrotóxicos passavam horas e horas justificando a necessidade da família abandonar a produção diversificada e de consumo familiar, para produzir para o mercado, argumentando que ficava mais barato comprar os produtos para o consumo familiar.

Este modelo privilegiou a monocultura e destruiu a base de sustentação dos camponeses, sobretudo de autoconsumo, e forçou o abandono dos seus conhecimentos tecnológicos de adubação, conservação do solo e, principalmente, da produção de sementes. Propagaram as chamadas sementes “selecionadas” ou “certificadas” que, necessariamente, precisavam ser compradas e, obrigatoriamente, os camponeses eram orientados para comprar os adubos químicos e venenos indicados por quem produziu as determinadas sementes (SILVA, 1982; KUDLAVICZ, 2011). Com isso os pequenos agricultores foram roubados em seus conhecimentos e desaprenderam a produzir seus próprios alimentos. Desaprenderam a fazer e conservar suas próprias sementes. Desaprenderam a controlar os inços (ervas daninhas) e pragas (doenças), com recursos da própria natureza. A sabedoria de produção agrícola que, durante milhares de anos, foi transmitida de geração em geração, ou seja, a prática e o ensino de pai para filho foram abandonados no tempo. Os camponeses ficaram dependentes das grandes empresas controladoras das sementes, dos adubos, dos inseticidas e, principalmente, dos conhecimentos externos.

Por isso, entende-se que o camponês precisa voltar a ser produtor de alimentos e muito mais do que isso: precisa voltar a ser pesquisador da natureza, cientista da roça e produtor de conhecimentos necessários para a sua sobrevivência enquanto classe. E isso não significa deixar de produzir para o comércio.

Portanto, o resgate da produção de sementes crioulas é uma das ferramentas fundamentais para iniciar este processo de autonomia dos camponeses frente à produção agrícola. Sementes crioulas são as sementes comuns, caseiras, caboclas, sempre foram desenvolvidas pelos agricultores. São as sementes nas mãos dos agricultores e sem nenhum processo de modificação, a não ser pelo processo natural de seleção. Não são sementes compradas no mercado, mas aquelas preservadas nas comunidades camponesas, indígenas, quilombolas. Nesse entendimento:

Hoje chamamos de sementes crioulas as sementes desenvolvidas e adaptadas pelos camponeses e indígenas. As sementes crioulas são sementes derivadas dos cultivos tradicionais das espécies vegetais. Também são chamadas de comuns, domésticas ou caseiras. Elas são diversificadas e produzidas sem o uso de agroquímicos. Não sofreram modificações genéticas em laboratório, como as transgênicas. (COMISSÃO PASTORAL DA TERRA; CARITAS BRASILEIRA, p. 12, 2006).

Na origem da agricultura, de há 12 ou 15 mil anos (CANCI, 2002), dois personagens caminharam inseparáveis: os camponeses e camponesas e as sementes. Nunca se vai encontrar um camponês ou camponesa que não entenda de sementes. Um está ligado diretamente ao outro e vice-versa. A sobrevivência da semente depende da sobrevivência do camponês e a sobrevivência do camponês depende da sobrevivência das sementes. Falar da produção de sementes com o camponês é ao mesmo tempo resgatar valores culturais e religiosos (COMISSÃO PASTORAL DA TERRA; CARITAS BRASILEIRA, 2006). É dar-se conta de que quem controla as sementes controla a fome e as consciências. É ter consciência do perigo de se perder as sementes e desaparecer o agricultor. É necessário alertar sobre o perigo dos transgênicos, que não tem por objetivo produzir alimentos para matar a fome e sim ter o controle das sementes, dos adubos, dos inseticidas, dos conhecimentos (tecnologias) (CARVALHO, 2003). Estimular e fomentar a produção de sementes é estimular também um novo modelo de agricultura: agroecológica e de produção de alimentos. É aprender a ter cuidado com a terra observando a época mais apropriada para o plantio, a terra apropriada para determinada semente, utilizando a adubação orgânica e adubação verde no lugar dos adubos químicos. É utilizar defensivos naturais para o controle de pragas em vez de venenos. É produzir alimentos mais saudáveis.

É fato, de os defensores do progresso e das chamadas tecnologias modernas reconhecerem como forma de conhecimento verdadeiro ser aquele considerado acadêmico (chamado muitas vezes também de científico), estas reflexões podem soar como retrocesso científico na História. Mas, para aqueles que acreditam que o conhecimento acadêmico e as chamadas tecnologias modernas somente são verdadeiras e necessárias se estiverem a serviço dos interesses da maioria da população, contribuindo para uma existência harmoniosa entre o Homem e a natureza, entendem perfeitamente a importância de se valorizar os saberes tradicionais/populares/empíricos, frutos de anos da convivência do Homem com a natureza, respeitando o seu tempo e o seu ritmo para produzir. Diferentemente, no modo capitalista de produzir, o “tempo é dinheiro” e sempre buscará na pesquisa científica, tecnologias para aceleração do crescimento e redução de tempo do ciclo necessário para produção de determinado cultivo, mesmo que para isso seja necessário violentar os princípios da natureza.

Empresas, como a Monsanto, investem milhões de dólares em pesquisas para modificar geneticamente os genes das sementes e para produção dos mais diferentes “biocidas” (herbicidas, inseticidas, bactericidas, fungicidas), denominando-os como “defensivos agrícolas” e pelos movimentos sociais de “agrotóxicos” e/ou “biocidas” para dar a conotação forte de que eles causam danos às plantas, animais e ao Homem, pois a palavra significa “mata a vida”.

FEIRA DAS SEMENTES CRIULAS COMO LUGAR DE TROCAS, DE APRENDIZADO E RESISTÊNCIA

As feiras de sementes crioulas são eventos que se multiplicaram em âmbito nacional, principalmente a partir do século XXI, tendo como seus principais articuladores o Movimento dos Pequenos Produtores (MPA), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e entidades, como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), entre outras.

A tradição da troca de sementes entre os povos do campo é elemento importante para sua preservação e o uso, seja por meio de relações simples de vizinhança e de parentesco ou na realização de festas e feiras de trocas de sementes. Sendo assim, o incentivo à preservação, ao uso e à realização de feiras é de suma importância para os povos do campo, sobretudo para disseminação do patrimônio genético e a criação de redes de trocas de sementes.

Socializar conhecimentos e experiências são práticas sempre muito valorizadas e centrais na realização de todas as feiras de sementes crioulas. Realizar a troca de saberes, como durante a história do desenvolvimento da agricultura, os camponeses sempre a fizeram. Os conhecimentos são repassados de pai para filho até os dias atuais. A biotecnologia pesada, tão valorizada na atualidade, não é coisa do século XXI. A criação do milho, da mandioca, do algodão colorido, é resultado de seleções realizadas pelos camponeses há milhares de anos (CANCI, 2002).

Em Mato Grosso do Sul, acontece uma das feiras de sementes crioulas mais significativas e de maior repercussão no estado, a Feira de Sementes Nativas e Crioulas de Juti/MS. Seu início se deu em 2004, a partir da articulação da CPT junto às comunidades de assentados e de indígenas. Aos poucos, foi conquistando o interesse de mais agricultores em participar do evento e foi ampliando o leque de entidades parceiras, entre elas a Prefeitura local e a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Na feira, há palestras e oficinas priorizando a preservação e a conservação do Cerrado, incentivando a utilização de técnicas sustentáveis para a exploração dos recursos naturais e a defesa de um modelo de agricultura baseado na sustentabilidade.

Pereira *et. al.* (2020, p. 2-3) ressalta a importância das feiras de troca, pois:

[...] têm promovido a valorização dos agricultores familiares, guardiões das sementes crioulas, além disso, promove forte ligações entre estes atores e os pesquisadores e extensionistas das instituições parceiras, e os que trabalham como orientadores e estudiosos de sementes. Esse vínculo tem se mostrado eficiente na articulação de métodos de conservação *ex situ* das sementes crioulas.

No ano de 2019 foi realizada a 15ª Feira com a participação de aproximadamente 2.000 pessoas. A figura 1 demonstra uma das tendas de divulgação e de trocas de sementes.

Figura 1 - Juti/MS: 15ª Feira de Sementes Nativas e Crioulas, 2019



Fonte: KUDLAVICZ, Mieceslau – jul. 2019.

Enfim, é importante ressaltar que os eventos das feiras são também momentos de conversa, de prosa e de encontro entre amigos e conhecidos que não se veem há muito tempo, o que é muito valorizado entre os camponeses.

Neste sentido, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL), executou entre 2018 e 2020, o projeto intitulado “Núcleo de Estudos em Agroecologia do Bolsão (NEA-BOLSÃO)”, sob a coordenação da professora Rosemeire Aparecida de Almeida, e teve como um dos objetivos específicos: “estimular o resgate de sementes crioulas”. Como estratégia para atingir este objetivo, realizou três feiras das sementes crioulas no Território Rural do Bolsão/MS, visando a troca de sementes e a capacitação dos participantes no intuito de sensibilizá-los para a necessidade do resgate de sementes na região e a interação dos agricultores na região.

No dia 20 de outubro de 2018 realizou-se a 1ª Feira de Sementes Crioulas, em formato de mostra, durante a realização do 6º Encontro das Mulheres Camponesas do Território Rural do Bolsão/MS, no Projeto de Assentamento 20 de Março, no município de Três Lagoas, por iniciativa do NEA-Bolsão. No evento, houve a presença de docentes e discentes da Escola Técnica Estadual (Etec) Sebastiana Augusta de Moraes, do município de Andradina (SP), contribuindo com a mostra de variedades de sementes crioulas, como demonstrado na figura 2.

Figura 2 - Três Lagoas/MS: PA 20 de Março - 1ª Feira de Sementes Crioulas, 2018



Fonte: KUDLAVICZ, Mieceslau – 20 out. 2018.

Durante o 7º encontro da Mulheres Camponesas, ocorreu a 2ª Feira de Sementes Crioulas, no dia 16 de março de 2019, no Assentamento Alecrim, município de Selvíria/MS. Nesta feira, diferente da primeira, realizou-se a distribuição de sementes crioulas aos presentes, como de feijão, amendoim, pimenta, abobora, milho, quiabo, coentro e sementes de adubação verde, tais como: de feijão de porco, de crotalária e de mucuna. A partir desta feira, além de distribuição, também houve trocas de sementes entre os assentados e assentadas de Reforma Agrária do Bolsão/MS.

A 3ª Feira de Sementes Crioulas ocorreu no dia 27 de outubro de 2019, durante o 8º Encontro das Mulheres Camponesas do Território do Bolsão, no Projeto de Assentamento Pontal do Faia, município de Três Lagoas, organizado pelo NEA-Bolsão, conforme demonstrado na figura 3. Na oportunidade, além da distribuição de sementes, houve a primeira roda de conversas sobre as sementes crioulas com a presença dos “Guardiões das Sementes”, do Coletivo Triunfo, do Paraná. O objetivo principal foi a discussão para criação da futura Casa das Sementes no Bolsão.

Figura 3 -Três Lagoas/MS: PA Pontal do Faia: 3ª Feira de Sementes Crioulas, 2019



Fonte: KUDLAVICZ, Mieceslau – 27 out. 2019.

Um passo importante foi o processo educativo de formação dos sujeitos sociais pertencentes aos assentamentos de Reforma Agrária. De início, pensou-se na distribuição de sementes para a valorização e a revitalização de hábitos e costumes camponeses aquietados, como o resgate de sementes crioulas, a produção de sementes próprias e as trocas entre os agricultores. Além disso, outro passo seria a constituição do banco de sementes e a constituição de um guardião. Para tanto, visitas técnicas foram importantes para se conhecer outras feiras e também bancos de sementes crioulas, como da 15ª Feira de Sementes Crioulas de Juti/MS, de 12 a 14 de julho de 2019 (Figura 1) e no dia 14 de setembro de 2019, na Feira de Sementes Crioulas durante o evento de comemoração dos 40 anos da Associação Brasileira de Assistência a Infância (ABAI), em Mandirituba/PR. Além disso, no dia 13 de fevereiro de 2020, deu-se mais um passo para a consolidação das feiras e do banco de sementes no Bolsão, quando visitou-se o Santuário das Sementes Crioulas da família de assentados no município de Pauliceia (SP) (Figura 4), justamente para se conhecer o processo da criação do Santuário.

Figura 4 - Feiras de sementes crioulas e Santuário de Sementes



Fonte: KUDLAVICZ, Mieceslau, 2019-2020.

A realização das feiras no Bolsão tem, também, por finalidade a criação de um Banco de Sementes, objetivando o resgate da biodiversidade local. Não buscar de outras regiões do país, mas estimular a multiplicação e preservação de pequenas reservas de sementes; proporcionar sementes para as comunidades, que já as perderam, no sistema rotativo de troca; envolver a comunidade e não somente as famílias envolvidas no projeto; organizar grupos de produção de sementes e estimular o trabalho coletivo e o aprendizado coletivo. Propiciar este resgate do conhecimento é também enfrentar o pensamento difundido em parte de muitos camponeses de que isto é coisa atrasada, é agricultura do século passado e, portanto, não vale a pena.

No entanto, ter o conhecimento e o domínio de como, quando, onde e o que plantar, sem depender dos pacotes oferecidos pelas grandes empresas controladoras das sementes e dos agroquímicos, é ser uma cunha cravada/fincada nas contradições do sistema capitalista de produção. Porque as sementes são patrimônio da humanidade preservadas pelos camponeses e camponesas, que são os guardiões e guardiãs da biodiversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências e conhecimentos populares das famílias camponesas precisam ser compartilhados para não desaparecerem, devem ser socializados para que as práticas sustentáveis sejam cada vez mais conhecidas e reproduzidas, resistindo frente ao modelo agrário/agrícola dominante. As feiras de sementes

crioulas se tornaram meio de propagação do saber popular camponês, dos valores agroecológicos, espaço de trocas e, sobretudo, de fortalecimento da agricultura camponesa, visto que as sementes crioulas se constituem numa forma de resistência, garantindo sua autonomia frente a imposição desse modelo de agricultura considerado “moderno”, contribuindo, dessa forma, para a soberania alimentar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANCI, Adrian. **Sementes Crioulas. Construindo soberania. A semente na mão do agricultor**, Editora: Sintraf, Anchieta, Santa Catarina, 2002.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA; CARITAS BRASILEIRA. **Conhecendo e Resgatando Sementes Crioulas**, Editora: Evangraf Ltda, Porto Alegre, RGS, 2006.

CARVALHO, Horácio Martins de (org). **Sementes Patrimônio do povo a serviço da humanidade**, Editora: Expressão Popular, 2003.

SILVA, José Graziano da. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. 1982.

PEREIRA, Zefa Valdivina *et al.* 15 Anos da Feira de Sementes Crioulas de Juti: Partilhando sementes e saberes agroecológicos no Mato Grosso do Sul. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 4, 2020.

KUDLAVICZ, Mieceslau. **Dinâmica agrária e a territorialização do complexo celulose/papel na microrregião de Três Lagoas**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2011.

VIA CAMPESINA- BRASIL. **Subsídios para implementar a campanha das sementes**, Gráfica e Editora Peres Ltda, s/d. Cartilha.